

A ESTIRPE



A estirpe

Carla Maliandi



PRIMEIRA PARTE

- 9 *O hospital*
- 12 *O apartamento da rua Bonifacio*
- 15 *O menino*
- 16 *As coisas que me importam*
- 19 *O vendedor da rua Brasil*
- 22 *Todos se movem*
- 24 *A praça*
- 26 *As palavras*
- 28 *A sesta*
- 31 *Os que vêm*
- 33 *O editor*
- 35 *O livro*
- 40 *A casa da praia*
- 43 *O bosque*
- 45 *As vizinhas da cabana*
- 49 *Hoje ou amanhã*
- 52 *Lá fora*
- 56 *Coisas que acontecem*
- 58 *Contusão*

SEGUNDA PARTE

- 63 *Relíquias familiares*
- 67 *Os músicos*
- 70 *O tratamento*
- 72 *Raio de luz*
- 73 *As perguntas*
- 75 *O Trem Misto*
- 80 *A amiga*
- 84 *As caixas*
- 87 *Falar*
- 90 *O sonho*
- 92 *Trança de índia*
- 95 *A história*
- 98 *O homem que retorce as mãos*
- 103 *A febre*
- 107 *As fotos*
- 110 *A professora de toba*
- 113 *A despedida*

TERCEIRA PARTE

- 119 *Um as orações*

PRIMEIRA PARTE



O hospital

A primeira tentativa de falar acontece no hospital. Estou na cama, o quarto é branco e está vazio. Tenho a impressão de ver uma pequena orquestra num canto. Um grupo de músicos vestidos de militares que afinam seus instrumentos e arranham uma melodia. Vejo também uma menina, tem cara de índia e está com uma batuta na mão. Com a batuta faz um gesto breve e preciso dirigido à orquestra. A música soa com mais força. A menina permanece quieta, em silêncio, escutando. Depois move a batuta em uma linha reta que atravessa o ar. A música para, a menina me olha e ordena: *fale!*

A orquestra, os instrumentos e a menina desaparecem. Estou acordada. Tento chamar alguém, mas as palavras não saem. Quais são as palavras que se usam para chamar alguém? Que palavra fará com que alguém venha?

Não sei como cheguei até aqui, não lembro de nada nem de ninguém. Mas de repente me lembro de uma coisa: a mosca de Rocha. Há uma mosca nas praias de Rocha que quando pica enfia uma larva dentro da gente, num braço ou numa perna ou em qualquer parte que esteja descoberta. Dói e infecciona. Para curar-se, é preciso esperar que o verme nasça e então pressionar um pedaço de carne crua contra o braço ou o lugar do corpo que foi picado. O verme faminto deve des-

pontar por entre a pele humana para morder a carne. E assim, puxando com cuidado, a gente consegue retirá-lo do corpo.

Esta é a primeira lembrança que tenho no hospital. De um verão em Valizas, no Uruguai, com um antigo namorado. Passamos o dia inteiro na praia, recostados à sombra de uns arbustos sujos. Meu namorado enxerga uns vergões em meu braço. Quando voltamos ao centro, alguém nos explica que a picada é de uma mosca, a mosca de Rocha. Me assusto, sinto que vou desmaiar. Procuramos uma sala de primeiros socorros. O médico nos diz que a história da carne é um mito e corta minha pele com um bisturi. Nessa época estou com vinte anos. Mas aí, como se uma força invisível me sacudisse na cama, lembro que acabo de completar quarenta, que houve uma grande festa, alugaram um salão com uma bola espelhada e que essa bola espelhada caiu sobre minha cabeça em pleno baile. Fiquei paralisada por alguns segundos e depois desabei no chão. Que tenho um filho, um marido, um apartamento na rua Bonifacio. E que estou internada, embora não saiba desde quando. Balbucio coisas, não consigo dizer uma única frase inteira ou com sentido. Toco com a mão esquerda o ombro do braço direito e sinto a antiga cicatriz da época em que a mosca de Rocha me picou e tiveram que abrir minha pele com um bisturi. Levo as duas mãos à testa e me dou conta da gaze que cobre o ferimento novo, o ferimento que ganhei há algumas noites, em meu último aniversário.

O médico me chama de Ana. Ana, você está muito melhor. Ana, daqui a alguns dias, você vai voltar para casa. Ana, tudo está indo bem. Meu marido e minha mãe também estão aqui. Revezam-se. Eu acordo e às vezes um deles está ao meu lado, às vezes o outro, e me dizem descanse, coma isto, fulano te mandou lembranças, te trouxe xampu, lá fora está um dia lindo. Fico tonta, mas não é nada. Consigo caminhar, me sentar

na cama, consigo ir ao banheiro sozinha e me pentear. Vem também uma médica me fazer perguntas para testar minha memória: qual é o meu trabalho, quem são meus amigos, quem é o presidente do país. Custa a responder, misturo as coisas, mas à medida que os dias passam as respostas se organizam. Consigo pronunciar várias frases inteiras. Conto à médica que estou sonhando muito com uma menina e com uma banda de músicos militares. E que às vezes não são sonhos, mas pensamentos. Ela me ouve, mas não dá importância ao que digo. Parece que os exames estão dando bons resultados. Sorri, anota algo em seus papéis e diz *amanhã você já vai dormir em sua casa.*

O apartamento da rua Bonifacio

Ao chegar em nosso apartamento não reconheço nada. Os médicos nos avisaram que isso poderia acontecer e que com o correr dos dias tudo iria recuperar sua familiaridade. Alberto parece aliviado. Diz que finalmente estamos em casa e que esse assunto da minha memória tem que ser algo passageiro. Garante que a bola de espelhos não pode ter me causado nenhuma lesão severa. *Essas bolas, embora pareçam objetos pesados, são coisas de brinquedo, não pesam nada, são feitas de isopor e recobertas com centenas de espelhinhos para refletir as luzes.* Ele está com olheiras, passou as últimas noites no hospital dormindo mal. Me sento numa poltrona da sala, fecho os olhos tratando de reconstruir a noite de meu aniversário. Acho que podia ter morrido naquela noite. Recordo as luzes mudando de cor, minhas pernas fraquejando, meu corpo esparramado no chão, no meio da pista de dança. Mas não morri. Aqui estou. Tudo está arrumado e cheira a limão e a roupa limpa. *Finalmente estamos em casa, repete Alberto.*

Alberto não é um nome bonito, mas é o nome justo para ele, penso que nenhum outro lhe cairia tão bem. Acho que meus namorados anteriores se chamavam Pablo ou Martín. Olho-nos olhos. Me vem à memória uma imagem dele, uma tarde, tomando café. Estamos na mesa de um bar próximo à facul-

dade e falamos em nos casar. Pergunto-lhe se isso aconteceu assim mesmo, se era verdade. Diz que claro que foi assim, já faz bastante tempo, e acaricia meus braços como se fizesse frio. *Foi o dia em que você fez a última prova da minha matéria. Então te pedi em casamento.*

Fico pensando nisso e em por que nos casamos, e em como eu era.

Não perdi o hábito de escrever. Agora escrevo em papeziinhos, nas margens dos jornais que Alberto lê todas as manhãs, atrás das notas de supermercado que encontro na cozinha. Não posso voltar ao computador, tampouco aos cadernos, mesmo que me pareçam tão bonitos. Abro-os e penso que vou desperdiçá-los, arruiná-los com bobagens sem sentido. Prefiro escrever em folhas soltas, coisas sem importância em papéis sem importância que vão acabar no lixo.

Mónica chega cedo todos os dias para ficar comigo. Ela cuida de todas as coisas da casa e também do menino. Eu a sigo pelo apartamento e ela fala comigo enquanto cozinha ou troca os lençóis ou põe a roupa para lavar. Preocupa-se com o quanto meu escritório está bagunçado e cheio de papéis.

Quando se sentir melhor, tem que me dizer quais são as coisas que é preciso jogar fora.

Vamos fazer isso agora.

Mónica abre a porta de meu escritório e com o pé afasta umas caixas para que possamos passar. Eu olho ao redor. Neste lugar tudo está desarrumado, papéis, caixas, pó. Nada cheira a limão ou a roupa limpa. Mónica diz que, nos últimos anos, graças a sua ajuda, eu pude passar longas horas aqui, escrevendo sem interrupções.

Escrevendo o quê?

Não sei, suas coisas, os livros.

Mónica me olha com cara de confusa. Procura em uma estante na parede, tira dois livros dali, me passa os livros. Me olha como se esperasse algo.

Não vê o seu nome?, diz, apontando para eles.

Olho as capas, abro os livros, mas minha cabeça dói e decido deixar isso para depois.

Antes do acidente a senhora estava escrevendo um livro novo. Falava disso o dia inteiro, é verdade que não se lembra? Falava disso o dia inteiro.

Peço a ela que me conte. Mónica fica em silêncio, parece estar organizando em sua cabeça aquilo que vai dizer.

É uma coisa sobre uns parentes seus. Uma história antiga. Algo do século passado ou do anterior.

Olho ao meu redor. Fui eu quem deixou tudo assim antes do acidente. Mónica esclarece que esta desordem se deve ao fato de que a proibi de limpar este cômodo. Me explica que os cadernos continuam abertos onde os deixei, a única coisa que fez nesse tempo todo foi passar um espanador e recolher os copos e xícaras que iam se acumulando.

Não se preocupe, quando se sentir melhor logo vai me dizer o que se pode guardar e o que se pode jogar fora. O que a senhora tem que fazer agora, dona Ana, é descansar para ficar bem.

O menino

Tento escrever, tento ler, tento fazer coisas, mas o menino me distrai, chora. Quer atenção, quer me mostrar um desenho que fez. Não entendo o que é, uma pessoa? Uma girafa? Quando lhe pergunto, chora, quer que eu seja como antes. Antes eu lhe preparava leite com biscoitos e não sei o que mais. Mal sabe falar, mas dá um jeito de se fazer entender. Eu não me lembro de nada disso. Não sei onde estão guardados os biscoitos.

As coisas que me importam

Pergunto a Alberto que coisas são importantes para mim. Voltamos caminhando para casa depois de uma tomografia, é uma manhã fresca e de vez em quando o sol aparece entre as nuvens escuras. Andamos devagar, pensativos, e parece um bom momento para recordar as coisas que esqueci por causa do acidente. *A família*, diz Alberto, *o menino*. Garante que isso é o primordial para mim, que sempre foi. Pode ser, parece razoável. Ele se preocupa sobretudo com o que me acontece com o nome do menino, de que não consigo me lembrar. Se apagou completamente. Sobre isso tenho muito o que falar com os médicos, diz. Pergunto a ele que outras coisas me interessam.

Sua profissão, suas aulas, seus alunos. Logo você vai se conectar com tudo isso de novo, isto não pode durar muito.

Quero saber mais. Ele sorri, diz que gosto de massas, de sorvete de chocolate amargo, de todas as frutas menos o kiwi, que prefiro o cabernet ao malbec e que quase não como peixe. Que tenho medo de avião e que, embora tenha tirado a carteira de motorista, não dirijo na cidade. Com ele superei o medo de voar e conheci muitos lugares, mas, desde que o menino nasceu, já não viajamos tanto. Entretanto, construímos uma casa na praia. Essa casa me agrada muito porque ali *me desconecto*, diz. Ele planejou uma viagem de alguns dias para

lá quando acabar esta etapa de exames médicos. Vamos para lá, os três. Fala também do meu cabelo, que sempre foi mais ondulado, com mais volume, e agora ele acha que está meio liso. Gosto mais do outro jeito, e ele também.

Mónica me contou que eu estava escrevendo um livro.

Sim. Um romance.

Caminhamos em silêncio. Espero que volte a falar, mas ele parece concentrado em outra coisa.

É sobre o quê?

É uma longa história. Quer que te conte agora?

Sim.

Caminhamos mais devagar. Alberto emposta a voz, como se estivesse dando uma aula.

É algo com um tema histórico... bem, você ainda não estava conseguindo encontrar a forma de contar a história. Ia começar em fins do século XIX, na campanha do Chaco. A história vem da sua família, você a conhece pelo seu pai...

Como é a história?

O bisavô de seu pai, ou seja, seu tataravô, foi regente de banda no exército de Roca. Você se lembra de quem é Roca?

Não.

Bem, isso agora não tem importância. Logo você vai se lembrar de tudo.

Um presidente?

O militar que liderou o que chamaram de a campanha do deserto. Sim, depois também foi presidente.

E era meu avô?

Não seu avô, seu tataravô. O avô do seu avô. Isso tudo faz cem anos, ou mais. Era músico, quando chegou da Itália foi nomeado regente de banda no exército. Roca mandou as tropas arrasarem os assentamentos dos índios guaicurus no Chaco. Quando o exército avançava, primeiro vinham os soldados disparando e botando

fogo nas cabanas, logo atrás chegava o seu tataravô com a batuta. A banda de música insuflava os ânimos do regimento com marchas militares. Você ficava impressionada ao pensar que essa música era uma arma de guerra. Numa dessas investidas, seu tataravô encontrou uma menina chorando. Uma menininha toba, ali, assustada, entre a fumaça e todos aqueles corpos espalhados. Em pleno galope, puxou a menina para cima do cavalo, escondeu-a debaixo da capa e a trouxe para viver em sua casa com sua família. Eles a batizaram de María. O nome original não se sabe. Chamavam-na de a china María, e ela foi empregada do velho, de seus filhos e de seus netos pelo resto de seus dias. Para a sua família, seu tataravô é um orgulho, uma espécie de prócer. Era sobre essa história que você estava tentando escrever. Você ainda não tinha encontrado a forma de contá-la, dava voltas e mais voltas. Agora só o que importa é nos concentrarmos em sua recuperação.

Não entendo como pudemos chegar em casa tão rápido caminhando tão devagar. Mónica e o menino nos recebem à porta, estavam nos esperando para servir o almoço. Alberto ajuda a pôr a mesa e me diz para lavar as mãos. No espelho do banheiro me acho muito pálida. Enquanto comemos, imagino meu tataravô, os músicos militares e a menina toba. As imagens se misturam com os sonhos do hospital, com as palavras que às vezes escrevo em papéis soltos. Alberto fala da previsão de chuva para esta semana e corta a comida do menino em pedacinhos. Quando Mónica retira os pratos, Alberto pergunta em que estou pensando, diz que estou como em outro mundo. Respondo que não, que estou aqui e que não penso em nada.